

FICHA TÉCNICA

Título

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
TEMAS E PROBLEMAS

Organização

JOSÉ RIBEIRO DIAS
ALBERTO FILIPE ARAÚJO

Capa

TIAGO MANUEL

Execução, Orientação Gráfica e Fotocomposição

TEKNODESIGN

Impressão e Acabamentos

LUSOGRAFE

Depósito Legal

129 992/98

ISBN

972-8098-40-5

© Centro de Estudos em Educação e Psicologia

Instituto de Educação e Psicologia

Universidade do Minho

300 Exemplares

Setembro, 1998

Braga

Sede: Campus de Gualtar, Telef. 60424011/2, Fax 678987

e-mail — ceep@iep.uminho.pt

Edição com o apoio financeiro da
Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Algumas Questões da Educação na Sociedade Actual: Violência na Escola e Educação Moral e Cívica

Artur Manso

Escola Secundária António Sérgio, V. N. Gaia

Recebei a instrução e não o dinheiro
Preferi a ciência ao fino ouro,
Pois a Sabedoria vale mais que as pérolas
E jóia alguma a pode igualar.
Provérbios, 8-10,11.

Ponto de partida: se a violência é uma realidade na escola, é porque a educação moral e cívica não está a funcionar.

O presente trabalho mais não é que um conjunto de reflexões sobre a questão da violência - verbal, psicológica, cívica... - que nas escolas tem vindo a surgir com alguma acuidade. Por acaso, ou talvez não, a violência física, parece ter uma expressão mais reduzida do que os outros tipos de violência, embora por vezes preocupante.

Observando o desenvolvimento da humanidade a partir do modelo ocidental, onde Portugal se insere e do qual são devedoras as suas estruturas sociais, podemos ver que a um longo período de domínio pleno do sexo masculino - a *ditadura do homem* -, se foi impondo no último século um ascendente da mulher, que coincide com a denominada *libertação feminina*. A *tiranía da mulher*, a pouco e pouco, tem substituído a *ditadura do homem*. E quando a nova realidade ainda nem sequer tem os alicerces bem assentes em sítio algum, eis que paralelamente desponta o *despotismo da criança*.

A autoridade encontra-se por isso diluída, tendendo a ser exercida, cada vez mais, pelos menos preparados. A autoridade, por isso, tem vindo a transformar-se com muita frequência em autoritarismo. E o autoritarismo irá, cada vez mais, tornar insignificantes as regras do respeito mútuo e do exercício responsável da autoridade.

Não quero que estas palavras sejam entendidas como uma reacção "machista" aos tempos presentes. Não é disso que se trata. Eu, tal como muitos outros que

criticam o modelo social que predomina nos tempos que correm, não defendemos um regresso ao passado e ao poder absoluto do homem em todos os níveis da sociedade, com a consequente submissão da mulher a papéis subalternos. Do ponto de vista intelectual e moral, mulheres e homens valem o mesmo e devem ter acesso aos mesmos lugares de chefia.

Contudo, há diferenças de espécie que não podem ser abolidas e do seu razoável entendimento poderia resultar mais harmonia familiar e social. Fisiologicamente, a mulher não é tão forte como o homem, não tem tanta capacidade de mobilidade. O homem por sua vez, nunca poderá substituir a mulher na tarefa de ter filhos e assim garantir o futuro da humanidade.

Ascender na carreira, ocupar lugares de topo na sociedade, ser considerado publicamente, são apenas pequenas vaidades que aumentam o lado narcísico de cada um. Quem, no mundo ocidental, hoje em dia, se preocupa por estar sob as ordens de uma mulher? Se calhar, uma outra mulher! Quem se preocupa em ter ministras, directores gerais, presidentes de conselhos de administração... mulheres?

Quem, como eu, trabalha no ensino, pode constatar que nas escolas actuais há um predomínio do sexo feminino. As turmas são constituídas maioritariamente por mulheres, que maioritariamente têm melhor aproveitamento e prosseguem estudos até fases mais adiantadas. E os rapazes, mostram grande preocupação com isso? Ao que nos é dado observar, não. Parece mesmo que se divertem ao verem tanto empenho por parte das suas colegas. Inconscientemente, talvez revelem alguma vontade de ver como será o futuro mundo feminino.

O que me parece ser mau dentro de tudo isto é que os grandes prejudicados, entre tão inútil guerra, são as crianças a que hoje em dia tudo é permitido.

Os adultos, homens e mulheres, empenhados em marcar a sua superioridade face aos seus iguais, esquecem que há seres indefesos e frágeis que precisam da sua atenção e da sua protecção. E a atenção tende a ser cada vez menos, porque enquanto se atende às necessidades sociais não se pode atender às necessidades familiares. Na medida em que diminui a atenção, aumenta a protecção. A sociedade hedónica e materialista em que vivemos apenas apela ao consumo, e para tanto basta ter algum dinheiro para ir gastando.

Neste sistema que teima em perpetuar-se dão-se coisas às crianças, para assim compensar a solidão a que as votamos. Enquanto pensamos nas carreiras pessoais, incumbimos a TV e a escola de educar os nossos filhos. A TV, fruto da industrialização e do consumo, a viver de audiências diárias entre os vários canais, cada vez torna mais colorida a sua programação, e como o que interessa é o número de pessoas que a cada instante sintonizam um determinado canal, é preciso por isso tornar a emissão atractiva. O impulso da violência que parece ser congénito ao indivíduo, e o tabu do sexo que é uma necessidade social, ganham todas as lideranças. É preciso por isso despertar o maior e mais eficaz número de violência, e as cenas mais tórridas de sexo. Assim, violência e pornografia tendem a ser a nova bíblia dos nossos jovens.

Para os adultos tudo está bem, pois nem sequer sabem concretamente o que os seus filhos vêem. E se desconfiam, então como pagam os respectivos impostos,

acreditam que a escola há-de ensinar o verdadeiro significado das imagens que vão consumindo. Não interessa mais que a escola e os professores sejam transmissores de conhecimento. O que interessa é que eles se tornem comentadores televisivos e guardadores de indivíduos. À sua missão de ensinar, viu sobrepor-se-lhe a missão de guardar. Entre a escola e a rua, onde os perigos espreitam a cada esquina, é preferível a escola, ainda que cada vez se assemelhe mais à rua. Porque os tempos são modernos, cabe ao professor gerir as suas horas lectivas na permissividade que se foi instalando.

Tudo se complica quando, como sabemos, a escola não tem os meios adequados para competir com os audiovisuais. A escola é a preto e branco, suja e desarrumada, com professores enfadonhos e socialmente desconsiderados. Os audiovisuais são a cores e diversificados, cheios de movimento e de acção. Não interessa saber o que as coisas são, interessa apenas a forma como as embrulham.

No estado actual das coisas, as crianças aprendem desde muito cedo a impor a sua vontade. O abandono familiar a que são votadas há-de ser compensado com um rol de exigências que parece não ter fim. Coitadas das crianças! Dizem os seus progenitores com muita frequência. Mas coitadas por quê? Por culpa deles, é o que parece. Ainda no berço, começam as primeiras cedências. Não quer comer? Coitadinha, deixa lá! Não quer dormir? Vamos então continuar a brincadeira! ... Os dias passam e a criança cresce. Aprende a usar a visão e demais sentidos. Frente à TV, de comando em punho, vê o que quer e quando quer, tanto mais que a maior parte do tempo estará sozinha em casa. E ao que aí se passa, a família continua a nada dizer!

Por motivos de vária ordem, as crianças desde muito cedo, talvez cedo de mais, são inseridas no sistema de ensino oficial, ou oficialmente reconhecido. As escolas funcionam com professores, e estes provêm da mesma sociedade cujos filhos pretendem ajudar a educar. Só que a permissividade educativa tende a prolongar-se no tempo. Desde a pré-escola até à conclusão dos estudos, qualquer que seja o grau, os adultos e com eles os professores, apenas parecem preocupar-se com as horas. São as horas de entrar na escola, as horas do recreio, as horas de comer, as horas de descansar, as horas lectivas, as horas de regressar ao lar... que mais preocupam os responsáveis educativos. Como se passa o tempo dentro do horário escolar no seu todo, a ninguém parece interessar.

Se o menino, depois de regressar à paz do lar, onde encontra pouco mais que solidão, manifesta antipatia pela escola ou por qualquer dos professores e demais funcionários, é o que se sabe com a correria às escolas por parte dos pais e encarregados de educação para se inteirarem das razões de tamanho problema! É que os meninos são sempre exemplares. O mal está de certeza na escola e seus servidores, é a estes que compete ser castigados! Tanto mais que a escola é alimentada com os impostos de quem reclama, logo, deve adequar-se aos desejos de quem paga!

Qualquer contenda educativa revela apenas o imenso poder dos alunos no sistema educativo, e o tratamento quase "criminoso" do corpo docente. Algo corre

mal, logo se apressam as diversas estruturas escolares a condenar o respectivo professor ou professores.

Se algum professor pede aos seus alunos para serem responsáveis, ouvirá em resposta que os nossos meninos são uns coitadinhos! A crescerem longe do afecto familiar e social, deixados em casa sozinhos desde o alvorecer do dia até ao ocaso solar, incumbidos ao contrário do que era uso até aqui, de receber os seus pais, perguntando-lhes se tudo correu bem nos seus cansativos dias de labuta, tem a escola de compensar positivamente tão raro altruísmo!

E os meninos, perante tantas indefinições aproveitam para continuar o seu rol de lamúrias e a sua condição de vítimas de tão atroz sistema! Pior ainda é que para além de desconsiderarem, com o apoio devido, a autoridade da escola, desconsideram também o saber que os professores querem transmitir. Entre a facilidade da TV e a dificuldade da reflexão e desenvolvimento do espírito crítico, facilmente a decisão contemplará a primeira opção!

As nossas escolas, esforçam-se, é certo, em mostrar que em todos os momentos o outro é sempre uma extensão do próprio eu. Mas os indivíduos insistem em olhar para o outro inautêntico, para o outro-eu, que contraria o sentido levinasiano da questão, pois o outro aparece quase sempre como o meu outro narcísico, e não o meu outro altruísta, dando assim sentido ao outro sartreano, como aquele que representa o meu inferno ao limitar-me e ao aprisionar-me com o seu olhar que me rouba a minha liberdade. Assim, o outro, ou é igual a mim, ou é contra mim.

É por demais evidente que a família, pilar da sociedade, se ausentou da educação cívica e moral dos filhos que vai gerando e as referências que garantia aos seus membros ainda não foram substituídas pela escola ou outra instituição.

Se Kant alertou, e bem, que a *Liberdade*, a *Imortalidade da Alma* e *Deus* são apenas ideias reguladoras - e por isso nunca podem ser conhecidas objectivamente - também é verdade que se não forem intuídas - vividas interiormente por cada um que se esforça em dar-lhes um significado próprio - para nada valerá falar delas.

Dizem constantemente aos jovens que as ideologias acabaram mas não lhes explicam o sentido das ideologias. Tudo lhes permitem e nada lhes pedem em troca.

É certo que perante tal quadro os jovens sentem-se um pouco à deriva. Mas quem não se sentiria? Afinal, o absurdo da sociedade moderna, vazia de valores e de autoridade - embora o autoritarismo crie raízes cada vez mais fundas - já há muito vem sendo tema de reflexão. O pós-guerra, levou autores como Camus a prognosticarem o perfil do *homem absurdo* que se ia desenvolvendo. Ionesco, não foi menos radical na sua apreciação ao estabelecer as características do *homem solitário*. Becket, por seu lado, diagnostica o vazio existencial do homem moderno que apenas *espera por Godot*, e este, teimosamente, insiste em não chegar.

Mas não se pense que estes senhores são os porta-vozes de algo novo. Antes deles, outros mestres já tinham adiantado as características do homem desesperado e solitário que insiste em desprezar a humanidade dos outros em benefício próprio,

mas que no final desemboca numa ausência total de valores e de sentido para a sua existência e para a subsistência da humanidade. Lembro, entre outros, Dostoievski e Kafka. Se quisermos, contudo, poderemos ir às raízes da civilização ocidental e outras considerações no mesmo sentido vemos serem pronunciados por Hesíodo, no *Mito das Cinco Idades*, ou no *Eclesiastes*, que faz parte da Bíblia Sagrada.

Já há muito tempo a Igreja se preocupou em estabelecer os direitos humanos, a defesa das minorias, a tolerância e o amor fraterno universal. Também é certo que a estrutura hierárquica da Igreja em longos períodos da história, contrariou em absoluto tão excelentes princípios.

O mundo grego, berço da cultura ocidental, educava os seus jovens pelo exemplo dos heróis que na sua grandiosidade reflectiam a precária condição humana. Nos tempos que correm, apresentam aos nossos jovens heróis de plástico, provenientes da moda, do cinema ou da música, ocios e vazios, que pretendem com o esplendor vigoroso da sua juventude, eternizar o efémero e o passageiro. Sem humildade, cultivam a arrogância onde a levandade os formou; sem respeito, incitam à desordem e à violência moral e cívica; sem sabedoria, vão vendendo o produto efémero de um sucesso passageiro. A breve prazo, os seus *pés de barro* hão-de derreter no calor que a multidão gera à sua volta. A breve prazo a solidão e o esquecimento, hão-de vencer a arrogância e o tudo que se pensa poder fazer e ser.

O *Ulisses* de Homero, ou o *Ulisses* de Joyce? O primeiro, faz do regresso a sua casa - à sua família - a coroação da vitória que o dever de servir o seu povo lhe consentiu. A sua mulher e o seu filho esperam-no, anos e anos seguidos, plenamente convencidos de que à casa há-de retornar. Não interessa quando nem como. Acreditam apenas que a família nunca será desprezada nem humilhada. Ulisses não se deixa cair nas ilusões fantasiosas que lhe vão confundindo o seu olhar e os seus sentimentos enquanto procura o caminho certo que o restitua ao seu País e à tranquilidade do seu lar, onde naturalmente procura o descanso merecido após tão longa jornada, durante a qual amadurece o forte sentimento de amor à família e à humanidade que da sua Pátria se estende a todos os homens. Fácil seria que Ulisses se rendesse ao que os sentidos lhe mostravam e abandonasse de vez os propósitos de descobrir os caminhos tão tortuosos que o restituiriam ao seu lugar original. Mas Ulisses responsabilmente vive de princípios éticos de dignificação universal, afastando constantemente o interesse pessoal e mesquinho onde facilmente poderia repousar com todas as honrarias.

O segundo (Leopold Bloom), sai de casa para satisfazer os apetites da sua mulher - comprar rins para comer ao pequeno almoço -, mas também sai para ir buscar a correspondência, na qual se encontram as cartas de amor da sua amante. Do efémero e do ocasional fará o seu bordão, que o há-de ajudar na odisséia trivial e aventureira iniciada e prolongada em bares e bordéis, alucinado pelo álcool e tolhido pelo desejo.

O primeiro Ulisses fez das aventuras do regresso exemplos de fortalecimento do carácter e de reconhecimento da plenitude que constitui a humanidade. A confiança na família manter-se-á inalterável e essencial. O segundo, que se perde de prazer em prazer, vive no efémero e no passageiro, incapaz de discernir a

precaridade do momento presente e a grandeza da condição humana baseada no respeito mútuo, na confiança e no desejo constante de viver para servir a humanidade que no seu seio, desinteressadamente, nos acolheu.

Acompanhando a tendência natural dos tempos que correm, vemos que o princípio da economia se sobrepõe ao princípio da humanidade que se deveria construir constante e continuamente.

É o privilégio da forma em detrimento do conteúdo. Livros e cadernos profusamente ilustrados e decorados com os heróis do momento são os utensílios dos nossos jovens. A mensagem que veiculam é insípida e pouco rigorosa. Os corpos desnudados e esculturalmente talhados pelo esforço nos ginásios, são o equivalente físico da desnudação de ideias e da precaridade de princípios em que eles vão vivendo. Tornou-se moda a total falta de respeito pelos símbolos e pelas pessoas. O palavrão e a asneira, são o linguajar comum dos jovens, dentro e fora do espaço escolar e na presença de quem quer que seja, idosos, crianças, professores...

Jovens sem o convívio de adultos, sem saborear os rituais de passagem, há muito tempo caídos em desuso, que os faziam sentir-se diferentes e compreender essa diferença, levam facilmente ao isolamento e à tentativa de vidas alternativas - alucinações de várias espécies, onde tomou lugar de destaque o consumo e a dependência das mais diversas drogas.

Na procura de novos ritos de passagem, surgiram as *Raves* que parecem recuperar esse sentido tribal e orgiástico, de que o velho culto dionisíaco nos deixou excelentes retratos, tentando fazer com que a excepção seja uma regra, ainda que num efémero tempo em que o indivíduo se esquece de si próprio e pensa apenas no retorno à pureza original onde, ao nada ser proibido, tudo seria permitido.

O mal é que o abandono a que se votam os jovens talvez os faça viver ilusoriamente e tornar permanente um estado que devia ser passageiro.

Ao crescimento fisiológico parece já não corresponder o respectivo crescimento interior que levaria exactamente à procura do *justo meio*. E porque assim é, os extremos radicalizam-se: uns e outros afirmam as partes e tentam esquecer o todo.

Perante tal cenário, a escola quer introduzir a mudança, e por isso produz novos conteúdos programáticos, que reveste de forma atractiva para assim obviar a tão graves lacunas! O ensino da moral e religião católica passou a ser facultativo. O que até se compreende e nem sequer é novo uma vez que no início do século, quando a República se instalou no nosso país, foi banido o ensino da religião nas escolas, com o argumento de que a educação religiosa é da responsabilidade das famílias.

O que já não se compreende tão bem, é porque nos tempos que correm, sendo o país esmagadoramente católico, e permitindo a escolha da disciplina de Religião e Moral Católica, esta tenha tão pouca procura. É certo que um "furo" por semana dá sempre jeito aos jovens com tão pouca disponibilidade para a vida escolar, e ainda por cima, com currículos demasiado extensos. Mas será esta a verdadeira razão de tal absentismo? Que fizeram até hoje os responsáveis da disciplina em causa para cativar mais vastas audiências? Será que a Igreja instituída se contenta com a tradicional e fugaz visita domingueira dos seus fieis ao culto religioso?

Contudo, o sistema educativo não quer "furos" no horário. Para tentar manter o estado actual das coisas, vem desde há vários anos, tal como o espírito da reforma consagrou, "assustar" os alunos com o preenchimento do "furo" consentido na disciplina de Moral, por uma nova disciplina, que só em casos isolados tem sido leccionada.

A essa disciplina deram o nome pomposo de *DPS - desenvolvimento pessoal e social*, e com ela o Estado quer contribuir para formar cidadãos livres e responsáveis, ensinando-lhes o valor do civismo e da educação. Não se percebe bem como tal tarefa poderá ser desempenhada, já que se insiste cada vez mais em desresponsabilizar os alunos perante os actos que cometem no espaço escolar.

Por outro lado, apresenta-se como novidade absoluta o que já foi pensado, ainda que noutros moldes há muitas décadas atrás. Estou a lembrar-me do grande pedagogo que foi Leonardo Coimbra, que em 1926, na sua obra *O problema da educação nacional*, fala na necessidade de empenhar todos os membros da comunidade na educação dos seus cidadãos. Não há educação, diz Leonardo, sem a cooperação estreita entre todas as estruturas da sociedade. A política educativa, teria de envolver o ministério da saúde, responsável pela higiene geral; o ministério da justiça, responsável pelo controle da propaganda no imprensa - (e que diremos hoje do fantástico mundo dos media e multimédia?) -; à polícia competiria zelar pelo aspecto exterior da limpeza moral reprimindo os palavrões e a má educação na via pública - (e que diremos no tempo actual, onde os polícias nem sequer controlam o caótico tráfego das nossas cidades?)... Era na educação permanente que esta acção múltipla tomava pleno significado.

A sociedade de hoje que compartimentou as actividades humanas, dispõe apenas de uma hora semanal nas suas escolas, que a título facultativo pode ser usada como espaço de *desenvolvimento pessoal e social*. Como se os conteúdos que aí está previsto ministrar não fossem da incumbência da totalidade dos professores do currículo e restantes actores sociais.

Passando um rápido olhar nos objectivos globais da *formação pessoal e social*, podemos ler que este espaço curricular pretende o *desenvolvimento de competências cognitivas, afectivo relacionais e de intervenção, tendo todas elas como domínios de aplicação o próprio sujeito, os outros e o meio físico e sócio-institucional envolvente, situado mais ou menos proximo ao sujeito*. E a seguir transcreve-se que *mais do que a aquisição de saberes e de saberes-fazer específicos, o que se visa é sobretudo desenvolver nos alunos a capacidade de se posicionarem com valores, atitudes, opiniões [...] e de se relacionarem satisfatória, autónoma e responsabilmente consigo próprios, com os outros, com o meio, e de intervirem congruentemente nestes domínios*.

Para acompanhar o tempo presente, a novíssima disciplina conta com as seguintes áreas/conteúdos: *ecologia; sexualidade; família; saúde; participação nas instituições cívicas; o consumo*.

Como todos estes conteúdos são de uma forma ou de outra abordados nas diversas disciplinas curriculares já existentes, este espaço lectivo reveste-se assim de uma certa inutilidade, a não ser na prática do diálogo tão em voga nos tempos modernos. E os teóricos da disciplina sabem isso uma vez que referem que *o que se visa não é privilegiadamente a aquisição de saberes, qualquer que seja a sua natureza, mas o desenvolvimento no e pelo sujeito de capacidades facilitadoras de uma relação harmoniosa e responsável consigo próprio, com os outros e com o meio, nos mais diversos contextos de vida.*

Conclui o programa tão vagamente quanto começou ao afirmar que *torna-se evidente que os conteúdos a privilegiar são as próprias experiências (individuais e sociais) dos alunos, os seus valores e opiniões, os seus modos de agir e intervir e também situações reais e concretas da vida dos nossos dias e os problemas que delas advêm.* Pergunto novamente: que se faz aqui de diferente daquilo que cada professor, na sua missão de educador e transmissor do saber, não faça no decurso das suas aulas?

Sem moral e sem religião, com pouco civismo e muita arrogância, os estudantes dedicam-se a enfeitar as escolas com palavrões e obscenidades. Já não é só a linguagem falada que incomoda. O desrespeito pela instituição e por aqueles que a servem é total. Nas paredes dos recintos escolares, e nas próprias salas de aula, lêem-se com frequência os palavrões mais grosseiros. Curioso é que os professores pouca importância parecem dar a tal fenómeno, uma vez que continuam a ocupar regularmente esses espaços, sem se sentirem incomodados com o que neles se encontra escrito! E no entanto existe a disciplina de DPS, e em quase todas as escolas um regulamento interno que parece ter sido feito com a finalidade última de ser totalmente ignorado!

No tempo moderno pós iluminista, onde a pedagogia nova fez de Rousseau o doutrinador por excelência e da sua teoria do *bom selvagem* um ideal a prosseguir, teremos de lhe contrapor o cepticismo de Hobbes, e recordar que a estrutura social tal como a conhecemos, a máxima que melhor se lhe aplica é a do homem como *lobo do homem*.

Porventura sairá o homem da menoridade arredado do conhecimento do saber acumulado? É certo que todos os tempos da humanidade são trespassados por intolerâncias de vária ordem. Mas depois da difícil experiência do holocausto, quando todos pensavam que a tolerância e o direito à diferença tinham cativado o coração do homem moderno ocidental, não surgiu bem no coração do ocidente a guerra que destruiu a Jugoslávia e acirrou novas intolerâncias? Era esta a maioridade que se queria construir?

Difícil contradição esta! Mas se calhar demasiado previsível numa sociedade de homens onde o tão desejado diálogo dos tempos modernos se transforma cada vez mais num monólogo surdo entre o homem e o computador, e o amor que seria a base de união entre as vontades humanas desavindas se transformou num amor-objecto e para objectos. Já não se ama Deus e o próximo. Todo o afecto do homem solitário

vai para o *tamagoshi* e outros produtos da alta tecnologia que dizem ter transformado o mundo em que vivemos! Transformar, parece que transformou, mas melhorar, parece que não melhorou!

Com os deuses ausentes depressa o *tempo dos confessionários* foi substituído pelo *tempo das clínicas*, e os pacificadores das almas deixaram de ser os padres e passaram a ser os psicanalistas e os psiquiatras que o negócio da tecnologia moderna vai rentabilizando, e a vontade popular vem exigindo para colmatar a solidão a que por vontade própria se foi votando!

E assim continuamos a educar os nossos jovens ensinando-lhes que tudo parece valer o mesmo, por isso, com pouca autoridade para corrigir o que eles pensam valer tudo. Qual o papel da escola na sociedade actual? Qual o papel dos alunos e dos professores? Qual o valor e a utilidade de um contacto com os valores das grandes religiões?... A permissividade é evidente e a ausência de sentido para uma existência cada vez mais solitária parece ganhar contornos preocupantes.

Temos muito jeito para redigir leis e decretos, ordens e contra-ordens, mas temos pouco jeito para as fazer cumprir. Somos ambiciosos nos princípios e nos fins, mas permissivos nos meios para os alcançar. O que se afirma pode ser comprovado com a redacção do *perfil do aluno à saída do ensino secundário*, traçado pela política educativa oficial. É certo que os ideais devem ser apenas reguladores, mas no caso em apreço, parece que só regulam o papel em que estão impressos! E porque assim é, os nossos jovens na fase natural da contestação ao instituído cedo se apercebem que a impunidade ganhou contornos decisivos! Protestando com os pais por um falso amor à escola, e com a escola por um amor ressentido aos pais, enganam uns e outros, que pelas vicissitudes do tempo presente se vão sentindo na obrigação de tudo consentir, embora o não desejem.

As aludidas formas de violência não serão porventura um protesto dos nossos jovens para fazer com que os adultos se responsabilizem pela sua educação, marcando-lhes os limites da sua jovial e salutar ousadia? Não será uma forma de dizer que precisam de ser guiados e aconselhados pelos mais velhos e que com eles querem conviver de forma pacífica e ordeira? Não quererão ser identificados e responsabilizados pelos actos que praticam, dando-lhes assim a oportunidade de os justificar e de reconhecer os seus erros?

Se assim for, porque insiste então a sociedade em geral e a escola em particular numa postura permissiva que pode não ser do agrado das gerações mais novas? Será que tanto facilitarismo é fruto do remorso da usura dos tempos modernos que consomem a nossa existência numa labuta intensa onde cada qual se reconhece não pelo que é ou podia ser, mas sim pelo que tem ou pode vir a ter?

Ao contrário do que seria desejável, a extensão do nosso eu é cada vez menos o semelhante que vive connosco, inclusive os nossos filhos, e cada vez mais a máquina que vive de nós!

Usando as palavras de Agostinho da Silva, talvez seja altura de a escola se preocupar em fazer de cada aluno um *poeta à solta*, e na cooperação plena de uns

com os outros fazer do mundo um belo e harmonioso poema. Todos sem excepção deveriam por isso contribuir para dar pleno sentido ao poema de Fernando Pessoa, na pena do seu heterónimo Ricardo Reis, que com esperança no futuro da educação, aqui deixo transcrito:

*Para ser grande sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

Ricardo Reis

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, N, VISALBERGHI. *A História da pedagogia*, 3 volumes, trad., Lisboa, Livros Horizonte, s/d.
- CARVALHO, R. *História do ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- COIMBRA, L. *Obras*, vol. 2, Porto, Lello & Irmão, 1983.
- CUNHA, P. D'OREY. *Ética e educação*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1996.
- D. C. E. B. S. *Desenvolvimento pessoal e social, organização curricular e programas*, Texto Policopiado.
- DOMENACH, J-M. *O retorno do trágico*, trad., Lisboa, Moraes, 1968.
- HOBBS, T. *Leviatã*, trad., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da moeda, 1995.
- HOMERO. *Odisseia*, 5ª ed., trad., Lisboa, Sá da Costa, 1980.
- JOYCE, J. *Ulisses*, 3ª ed., trad., Lisboa, Difel, 1984.
- KANT. *Crítica da razão prática*, trad., Lisboa, Edições 70, 1984.
- KANT. *A paz perpétua e outros opúsculos*, trad., Lisboa, Edições 70, 1990.
- LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*, trad., Lisboa, Edições 70, 1988.
- MATTOSO, J. (organização). *História de Portugal*, vol. 6, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 401 ss.
- ROSSEAU, J-J. *Emília*, 2 vols, trad., Lisboa, Publicações Europa-América, 1990.
- SARTRE, J-P. *O existencialismo é um humanismo*, 4ª ed., trad., Lisboa, Presença, 1978.
- VEIGA, M. A. *Filosofia da educação e aporias da religião*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.